

Apresentação

Realismo Crítico, Ontologia e Sociologia

Frédéric Vandenberghe¹
Thiago Duarte Pimentel²

In memoriam Rom Harré (1927-2019)

O realismo crítico (RC) é um movimento intelectual internacional e interdisciplinar na filosofia da ciência que se inspira no trabalho inicial de Roy Bhaskar. Como um movimento filosófico nas ciências humanas, o RC tem estado ativo há mais de quatro décadas, tendo gerado uma revista (*Journal for Critical Realism*), uma série de livros (na prestigiada Editora Routledge), uma associação internacional (*International Association for Critical Realism - IACR*) e uma conferência anual que reúne filósofos, cientistas sociais e ativistas do mundo todo.

Desde seus primórdios, em meados dos anos setenta, os trabalhos de Bhaskar têm recebido mais atenção dos cientistas sociais do que dos filósofos profissionais. Com sua crítica rigorosa ao positivismo, aliado a suas afinidades com o marxismo, ofereceu uma alternativa ao “consenso ortodoxo” (positivismo + funcionalismo + evolucionismo) da época. Embora simpatizasse com a intenção subversiva da esquerda radical, evitou sistematicamente os becos sem saída do pós-estruturalismo.

Deu credenciais filosóficas a abordagens mais estruturalistas, mas nunca partilhou do seu anti-humanismo. Sempre esteve mais interessado na reconstrução do que na desconstrução. Mais próximo “em espírito” da sociologia crítica de Bourdieu, o RC foi frequentemente discutido em conjunto com a teoria da estruturação de Giddens, que capturou o espaço de atenção da teoria social. Como Habermas, abordou os fundamentos filosóficos das ciências sociais, mas o fez a partir da tradição da filosofia analítica. Como Luhmann, ele propôs uma metateoria ambiciosa que abrangia tanto as ciências naturais quanto as sociais, deixando em aberto possíveis conexões com abordagens mais espirituais do universo.

Vindo das margens da academia, o realismo crítico abordou as questões centrais da filosofia das ciências e formulou a crítica fina e final em relação ao positivismo. Através da reflexão filosófica sobre as práticas científicas nas ciências naturais e do diálogo com a teoria crítica, propôs uma solução para alguns dos problemas perenes das ciências sociais, como agência e estrutura, *Erklären* e *Verstehen*, naturalismo e interpretativismo, que têm de ser atualizada, mas que ainda merecem reflexão. Fortemente ancorada na *New Left* e na política progressista, a sua combinação de uma

1 Professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGCSA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

2 Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCSO) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: thiago.pimentel@ich.ufjf.br

análise conceptual rigorosa e de uma crítica social generosa prometia uma renovação da teoria social.

Enquanto as duas primeiras décadas do movimento realista foram centradas no Reino Unido e contaram com a colaboração de Margaret Archer, William Outhwaite, Andrew Sayer, Bob Jessop e Dave Elder-Vass, apenas para citar alguns sociólogos que levaram o RC a sério; na última década o RC teve uma renovação, desta vez, através dos Estados Unidos. Graças aos bons trabalhos de Phil Gorski, Doug Porpora, Georg Steinmetz, Dan Little, David Graeber, Julian Go, Tim Rutzou e Frédéric Vandenberghe, a filosofia de Roy Bhaskar e a perspectiva morfogenética de Margaret Archer têm entrado em debates teóricos na sociologia e, em menor medida, na antropologia, economia e nos “Estudos” (da ciência, de gênero e estudos pós-coloniais).

Fora do mundo anglo-saxão, a RC tem feito poucas incursões. Os livros de Bhaskar ainda não foram traduzidos para o francês, o alemão ou o português. Como uma abordagem da velha escola à filosofia da ciência que permanece em débito com Bachelard e Althusser, foi ultrapassada por abordagens mais modernas como o realismo especulativo e a OOO (ontologia orientada a objetos) que encontram inspiração no trabalho de Deleuze, Badiou e Latour. No entanto, o valor das intervenções filosóficas não deve ser medido em termos de popularidade, mas pela sua clareza, logicidade e persuasão de sua argumentação e as contribuições que pode fazer para o avanço das ciências e do progresso das sociedades.

A importância do trabalho de Bhaskar não pode ser superestimada. O realismo crítico oferece uma alternativa sólida às filosofias da ciência existentes. Tal como os seus antepassados, nomeadamente Popper, Bachelard, Kuhn, Lakatos e Feyerabend, Bhaskar apresenta uma reconstrução racional da atividade científica, mas ao contrário deles, ele muda a análise da epistemologia para a ontologia. A questão que orienta suas investigações sobre as condições de possibilidade das ciências já não é mais: Como posso conhecer o mundo lá fora? Introduzindo uma nova revolução copernicana na teoria do conhecimento, ele inverte a questão e pergunta: Qual é a estrutura do mundo e como ela funciona? Que tipo de mundo os cientistas pressupõem em suas pesquisas? Eles concebem o mundo como uma série de eventos contingentemente relacionados ou contam com estruturas, dotadas de poderes causais, que explicam os eventos que observam? Para as ciências sociais, a ontologia faz toda a diferença. Transpondo argumentos das ciências naturais para as ciências sociais, Bhaskar mostra que o positivismo nem sequer consegue se sustentar no âmbito das ciências naturais, o que nos faz pensar como tem feito para atingir a plausibilidade nas ciências humanas.

Não há um “método científico unificado”. O modelo de leis científicas de Popper e Hempel tem apenas uma validade limitada. As ciências não procuram correlações entre variáveis. Pelo contrário, elas desenvolvem modelos de mecanismos generativos e analisam sua estrutura e função. No mundo social, o que funcionam são as estruturas sociais (como o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado) e os mecanismos causais (como a classe, a raça e o gênero). Eles se entrecruzam. O mecanismo causal pode reforçar-se mutuamente ou operar atravessando-o, de forma que os efeitos de classe, por exemplo, possam anular os efeitos da raça.

Ao contrário das estruturas naturais, as estruturas sociais são, no entanto, feitas pelos humanos. Elas dependem das ações de indivíduos e grupos e são historicamente variáveis. O mundo social é feito por atores humanos e pode ser transformado por eles. Bhaskar incorpora a práxis transformadora em um modelo estruturalista de sociedade, superando assim a oposição entre naturalismo e interpretativismo em um modelo dialético que concebe a estrutura e a agência como sendo mutuamente interdependentes: enquanto a agência pressupõe a preexistência da sociedade como sua condição de possibilidade, as próprias estruturas são o resultado de ações humanas que as reproduzem ou transformam.

Com sua ênfase em estruturas generativas, mecanismos causais e práticas transformadoras, o RC esboça os contornos de uma teoria explicativa do mundo social. Esta teoria é ao mesmo tempo

realista, relativista e racionalista. É realista, porque afirma que existem estruturas (naturais e sociais), que têm propriedades emergentes e que existem independentemente do conhecimento que os cientistas possam ter sobre elas. O RC reconhece que nosso conhecimento da realidade é sempre historicamente, social e culturalmente situado.

A afirmação de que o mundo existe de forma relativamente independente do nosso conhecimento (realismo ontológico) e que a ontologia não pode ser reduzida à epistemologia é compatível com a afirmação da construção social do conhecimento (relativismo epistêmico). Há sempre múltiplas perspectivas sobre o mundo que correspondem a diferentes pontos de vista no mundo.

Mas se não quisermos mergulhar numa pluralidade de mundos incomensuráveis, temos de assumir que os cientistas estão investigando o mesmo mundo e que podem chegar a um consenso sobre a verdade científica (racionalismo julgamental). A combinação de realismo ontológico, relativismo epistêmico e racionalismo de julgamental torna o realismo crítico singularmente adequado na era da pós-verdade. Contra o positivismo e o pós-estruturalismo, mostra que outra filosofia da ciência é possível. Tal como o positivismo, valoriza a ciência; tal como o pós-estruturalismo, é combativo. Com a sua dupla insistência na estrutura e nas práticas transformadoras, fornece uma metateoria completa para a análise das estruturas de opressão e dominação, mas também acende o espírito de resistência e transformação.

Roy Baskar faleceu em 2014, mas seu espírito continua vivo. A fundação da Rede de Realismo Crítico da Universidade de Yale deu ao RC uma segunda vida³. Menos dogmático do que o realismo crítico de base britânica centrado em Roy Bhaskar, Alan Norrie e Mervyn Hartwig, o realismo crítico americano também é mais aberto a diálogos construtivos com pós-estruturalismo, pragmatismo e teoria do ator-rede. Com exceção de Margaret Archer e Douglas Porpora, a maioria dos membros da rede admira a sociologia crítica de Pierre Bourdieu e a considera uma perfeita representante do realismo crítico dentro da sociologia. Uma boa parte dos textos que apresentamos aqui neste dossiê tem origem no renascimento do realismo crítico na teoria social. Se os traduzimos, é porque estamos convencidos de que o realismo crítico faz uma diferença - filosófica, política e existencialmente. Com uma forte insistência na crítica e na reconstrução, é uma igreja aberta e deve ser de interesse para qualquer estudioso com ambições teóricas e engajamento prático.

Phil Gorski é professor de sociologia na Universidade de Yale e o fundador do *Critical Realism Network*. Ele trabalha na área da sociologia histórica-comparativa e da sociologia da religião. Interessado em filosofia analítica, ele descobriu a relevância do realismo crítico quando comparava a influencia do calvinismo na formação do Estado na Prússia e na Holanda. No primeiro texto desta edição, *Mecanismos Sociais e Sociologia Histórica-Comparativa: uma proposta Realista Crítica*, Gorski nos brinda com uma revisão das teorias sociológicas histórico-comparativas indicando seus pontos cegos. Escorado nas balizas de uma visão estratificada e emergentista da realidade, ele elabora a partir daí um modelo próprio (o modelo ECPRES - Emergência, Poderes Causais, Entidades Relacionadas e Sistema) para análise de mecanismos causais.

Gorski evidencia como o relato dos mecanismos causais está presente nas ciências e como as consequências subjacentes de uma visão ontologicamente monoplanar implica para a mesma. A partir do reconhecimento dessas limitações, e partindo da fundamentação filosófica do realismo crítico, ele explora de forma aprofundada a visão estratificada da realidade, apresentada pela emergência, pela habilitação e possível realização de poderes causais (em um nível superior), presente em um conjunto de entidades relacionadas que formam um sistema opera tanto nas ciências humanas quanto nas ciências naturais.

3 Veja o site www.criticalrealismnetwork.org/

Como Phil Gorski, **George Steinmetz** também trabalha na área da sociologia histórica. Fortemente influenciado pela sociologia de Bourdieu, ele faz pesquisa sobre o imperialismo e o colonialismo numa perspectiva comparada. Em *The Devil's Handwriting*, ele analisa o desenvolvimento do estado colonial alemão na Ásia e na África antes da primeira guerra mundial. Como alcançar a generalização científica a partir de um estudo de caso? Como explicar um caso único na história, como o colonialismo alemão e o nazismo, por exemplo, de maneira científica? É precisamente isto que o texto emblemático, *Comparações Odiosas: Incomensurabilidade, o Estudo de Caso e Pequenos N's em Sociologia* pretende elucidar. Nele, Steinmetz elabora uma revisão crítica sobre os princípios que regem as ciências (humanas) tradicionais, sejam em sua versão positivista, seja em sua versão idealista, evidenciando que a busca pela validade científica que naquele relato se satisfaz através dos princípios de generalização alcançados pelas pesquisas quantitativas com grande amostragem, mas também pelos estudos comparativos em pesquisas qualitativas (que pretendem compensar seu pequeno número de variáveis e amostragem tentativas observáveis de mimetismo e controle, *semi* ou *quase*, experimental) é o denominador comum que rege as pesquisas na área e lhes confere legitimidade.

Para alcançar a validade científica o estudo tem que se adequar a este cânone. O problema é que isto só faz sentido quando se assume uma visão ontologicamente empirista, fiscalista e monoplanar da realidade, segundo a qual eventos de nível superior precisam ser “reduzidos” a elementos de nível mais básico, de forma a serem apreendidos. Porém, uma vez que se introduz uma visão ontologicamente estratificada da realidade, assumindo-a como um sistema aberto, uma conjunção regular de eventos constantes como pedra de toque de explicação de uma lei científica deixa de ser condição suficiente e sequer necessária para um relato científico explicativo e passa a ser apenas um caso, uma possibilidade de manifestação desta mesma realidade. Portanto, a regularidade e constância deixam de ser critérios absolutos de explicação científica e tornam-se relativos, ou melhor, contextuais.

É neste contexto que Steinmetz se apoia no realismo crítico para juntar a *ideografia* de um evento único com uma teoria explicativa deste pelas estruturas sociais. Steinmetz defende que as comparações operam ao longo de duas dimensões, eventos e estruturas, correspondendo a uma das principais linhas de estratificação ontológica do social-real. Uma das principais imputações, incorretamente atribuídas aos estudos de caso e as pesquisas comparativas (e mais frequentemente, às pesquisas qualitativas em geral) refere-se ao fato à crítica feita considera que os eventos – ao invés das estruturas gerativas subjacentes – como incomparáveis.

Por sua vez, **Gabriel Peters**, em seu texto *Domínios de existência: realismo crítico e ontologia estratificada do mundo social*, produz um texto síntese sobre a trajetória do realismo crítico no âmbito das ciências sociais (ou seja, desde a passagem do “realismo transcendental” ao “naturalismo crítico”), passando pelo cerne da questão da ontologia estratificada e suas implicações sobre a realidade social e as formas de apreendê-la, estudá-la e explicá-la, até chegar ao modelo transformacional de ação social, especificamente elaborado por Bhaskar para dar conta de uma explicação social científica realista crítica. Para percorrer esta trajetória histórica argumentativa, Peters opera em três grandes momentos: primeiro, nos oferece uma síntese suficientemente densa, porém concentrada, da passagem do realismo transcendental ao naturalismo crítico; em seguida, trata de mostrar como o realismo crítico se insere em uma via média entre posições científicas radicais, tais como o empirismo (positivista) de um lado e o pós-modernismo (neoidealismo) de outro, respondendo assim aos ataques de ambos, mas, ao mesmo tempo, mostrando como é possível resgatar suas principais contribuições, sem necessariamente incorrer nos seus erros. Para tanto, é preciso ser capaz de efetuar um deslocamento (meta, ou, nos termos do autor) transparadigmático, o que é explicado no terceiro passo de sua argumentação (realismo ontológico, relatividade epistêmica e estratificação do mundo). Ao concluir esses passos, o autor termina com a apresentação de um dos modelos da estratificação ontológica

da vida social oriundos do realismo crítico, resgatando o refinamento elaborado por Vandenberghe ao tomar os níveis individual, interacional, institucional, estrutural e cultural da sociedade como relativamente autônomos e, ao mesmo tempo, interinfluentes, uma teoria social realista supera reducionismos a priori e oferece uma orientação analítica fecunda para a pesquisa empírica do mundo social. Conciliando a elegância de seu estilo argumentativo interdiscursivo polivalente com doses homeopáticas de sínteses “coloquiais”, onde se operam a tradução da terminologia realista crítica ao discurso comum, para os iniciados, Peters tem o mérito de reconstruir de forma didática a trajetória do realismo crítico aplicado às ciências humanas (naturalismo crítico), sem se furtar à introdução aos grandes debates da ciência e às implicações que eles geraram para as correntes posteriores.

Também dedicando atenção à questão do método, dentro do realismo crítico, o texto *Estatuto epistemológico de la investigación-acción: una relectura a partir del realismo crítico*, de **Thiago Duarte Pimentel**, busca resgatar a conexão entre produção de conhecimento e intervenção social, assim como recomendado por Bhaskar em seu modelo transformacional da ação social. Partindo, no entanto, da recuperação de propostas já existentes na teoria tradicional, o texto em tela busca realizar a aproximação entre visões anteriores de uma pesquisa socialmente engajada – a partir do marco referencial do que foi chamado de pesquisa-ação (PA) (ou *action research* - AR), recuperando seu significado em diferentes *backgrounds* e a forma ligeiramente diferenciada com que cada um deles a trata de aplicar. Mais especificamente, o artigo oferece uma ressignificação da pesquisa da ação a partir do seu enquadramento e releitura segundo os pressupostos do realismo crítico.

O argumento central reside, portanto, em considerar que com/e a partir do realismo crítico/RC, ao ressituar as bases da explicação científica em mecanismos gerativos – e não em eventos ou elementos empíricos – as críticas imputadas a PA perdem seu sentido e tais problemas (a de que não seria uma estratégia científica de produção do conhecimento, e de sua incapacidade de gerar generalizações) de validade científica, sendo, portanto, necessária um inflexão e “atualização” paradigmática da PA via RC para o resgate e uso sistemático, coerente e efetivo dessa estratégia, de forma logicamente fundamentada nas ciências sociais.

Assim como adequadamente o sublinha Steinmetz, por sua incapacidade de generalização – devido ao se conhecimento local e situacionalmente produzido – ou ainda com Vandenberghe que clama em favor da pesquisa engajada, ao evidenciarmos os pressupostos subjacentes que induzem erroneamente à tomada da pesquisa-ação como ideológica (não científica), por não guardar a “distância segura” da neutralidade axiológica em seu relato, ou ainda por não ser capaz de replicar seu conhecimento, podemos nos mover de uma ontologia plana e indiferenciada para outra estratificada e diferenciada, removendo assim os seus escombros e recolocando esta estratégia metodológica em um arsenal significativo das ciências sociais para conhecimento da realidade.

Dave Elder-Vass também é dos autores de grande destaque dentro do movimento realista crítico em contexto recente. Após dedicar parte de sua carreira profissional como especialista e depois executivo no ramo de sistemas de informação, Elder-Vass realizou uma inflexão significativa rumo ao mundo acadêmico. É precisamente desse período de estudos que ele derivará suas duas primeiras obras significativa dedicadas ao tema do realismo crítico: *The Causal Power of Social Structures* e *The Reality of Social Construction*.

Essa referência é importante para notar porque o tema da ontologia social das formas organizacionais e econômicas aparece de forma recorrente em sua obra. Este é o tema o artigo com o qual nos brinda o autor – *Appropriative Practices and the Ontology of Economic Form* – o qual reinterpreta a questão da forma econômica que assume determinadas atividades sociais na economia, tanto em sua perspectiva tradicional quanto na crítica a ela (a visão heterodoxa ou marxista da economia). No entanto, para o autor, ambas ainda estão presas a uma visão monoplanar e, portanto, tendencial conflacionista da realidade, cuja principal implicação – teórica e pragmática

– é a unidimensional do mundo econômico a partir da sua significação em termos de economia de mercado.

Ao contrário disso, uma visão multiescalar e estratificada, tal como se opera no realismo crítico, permite ao autor considerar outras formas econômicas usualmente desconsideradas nas grandes áreas da economia capitalista de mercado. Portanto, não só a visão anterior é incompleta como equivocada, não sendo capaz de dar conta de formas econômicas de manifestação como na crescente economia digital, inclusive de tipos de dádivas e híbridos de dádiva e mercadoria (Wikipedia, Apple e Google).

O intento então, operado Elder Vass, é o de fornecer uma ontologia das formas econômicas, na qual cada tipo é um complexo de *práticas apropriativas*: diferentes formatos econômicos são estruturados por diferentes combinações de práticas e, podemos explicar como cada tipo opera pela análise das práticas envolvidas, e as tendências geradas por sua interação. Além da sua contribuição teórica, este trabalho também demonstra uma aplicação do realismo crítico a um caso empírico, exemplificando alguns dos dilemas que surgem ao se aplicar a abordagem realista na pesquisa social.

Exponente principal do realismo crítico dentro da sociologia, **Margaret Archer** é um dos grandes nomes da teoria social contemporânea. Numa série de livros clássicos, ela desenvolveu a abordagem morfogenética como um modelo próprio e original para lidar com o problema estrutura-agência humana. Depois de dedicar parte significativa de sua carreira a explicar – em termos realistas críticos – o relato estrutura-agência, a partir de onde elabora a sua abordagem morfogenética, a qual conferiu espaço privilegiado aos condicionamentos estruturais que se impõe ontologicamente à atividade humana, vem explorando ultimamente as implicações da teoria social realista para a agência humana, em particular, a partir do quer poderia ser chamado de sociologia da pessoa.

É neste diapasão que *Corpos, Pessoas e Aprimoramento Humano: porque estas distinções importam* – texto que apareceu originalmente em como capítulo de uma das obras mais recentes da autora – onde se debruça sobre a análise das conexões entre corpos humanos, personalidade humana e aprimoramento humano. Sustentando a tese de que a personalidade não está, em princípio, confinada àqueles com um corpo humano e é, portanto, compatível com o aperfeiçoamento humano, Margaret Archer a defende com base em três passos argumentativos, comparando três principais autores que têm se dedicado ao tema: Lynne Rudder Baker, Christian Smith e a própria Archer que ela inclui num triálogo imaginário. De forma magistral, ela evidencia que “(1) “corpos” (não necessariamente total ou parcialmente humanos) fornecem as condições necessárias mas não suficientes para a personalidade [...]; (2) a personalidade depende do sujeito que possui a Perspectiva de Primeira Pessoa, PPP. Mas isto requer complementá-la pela reflexividade e preocupações últimas a fim de delinear a identidade pessoal [...]; (3) tanto o relato da PPP quanto a Reflexividade requerem preocupações para fornecer tração na determinação - e assim explicando - os cursos de ação dos sujeitos” (Archer, 2019, p.1).

Fechando o presente dossiê **Frédéric Vandenberghe** propõe uma aliança entre o realismo crítico e o movimento anti-utilitário nas ciências sociais em *Realismo Crítico, Anti-Utilitarismo e Engajamento Axiológico*. Vandenberghe chama a atenção para o fato de que a clausula pétrea da neutralidade axiológica, não é uma condição necessária nem suficiente para a produção de conhecimento nas ciências sociais. A neutralidade axiológica, além de forçar uma redução do domínio axiológico ao epistemológico, supõe – à partida – a possibilidade de separação cartesiana de domínios de ação teórico e prática, e da prática reflexiva e irreflexiva.

Ao invés de assumir o frado de carregar um projeto natimorto, condenado pela própria ontologia monoplanar em que se apoia, talvez um critério mais filosoficamente informado, politicamente engajado, socialmente justo e cientificamente adequado seja o de reconhecer a diversidade das formas do mundo social e ser capaz de realizar – seguindo a fórmula de Ricoeur – “a boa vida com e para outros em instituições justas”, o que só poderá ser feito a partir de uma nova visão “convivialista”

da sociedade contemporânea.

Como toda empreitada coletiva, este trabalho não teria sido possível sem o esforço de muitas pessoas, dentre as quais cabe destacar: de Frédéric Vandenberghe, quem se disponibilizou a mobilizar seus contatos para conseguir textos importantes de figuras centrais do campo em nível internacional (como, por exemplo, Margaret Archer, Philip Gorski, George Steinmetz); aos próprios autores, que contribuíram gentilmente enviando seus originais ou permitindo que seus textos originalmente publicados em livros e periódicos fossem traduzidos e publicados, em sua versão em português; a Raphael Bispo, editor chefe da revista Teoria & Cultura (PPGCSO/UFJF), e a sua equipe que concedeu o espaço para a proposta do dossiê e tornou materialmente viável a sua execução, editoração e publicação; e, por último, a Universidade Federal de Juiz de Fora, pelo espaço institucional e manutenção da própria revista.